

Caderno Pedagógico



**A MULHER NEGRA NO CONTEXTO
DA EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE:
PRÁTICAS DE LEITURA E REFLEXÕES SOCIAIS A
PARTIR DE UM CORDEL DE IZABEL NASCIMENTO**

ROSINEIDE ANDRADE SANTOS
MESTRE

ALBERTO ROIPHE BRUNO
ORIENTADOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

PRÁTICAS DE LEITURA E REFLEXÕES SOCIAIS:
UMA PELEJA PEDAGÓGICA A PARTIR DE UM CORDEL DE IZABEL
NASCIMENTO

Produto do trabalho de pesquisa apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof.º Dr. Alberto Roiphe Bruno



APRESENTAÇÃO

Caro professor,

Você está sendo convidado a pensar a leitura de folhetos de cordel como instrumento de (trans)formação do leitor e seu ambiente de interação social. Por defender esse pensamento sobre o poder da leitura é que elaborei este caderno pedagógico com o objetivo de contribuir com a melhoria do ensino de leitura e da prática docente em sala de aula por meio da instrumentalização das ações pedagógicas. Aqui você encontrará atividades de leitura sistematizadas que priorizam o desenvolvimento da habilidade de ler, compreender e interpretar textos numa perspectiva crítica discursiva da literatura de cordel, além de aprimorar as potencialidades discursivas dos alunos por meio das atividades que exigem habilidades orais.

Este caderno pedagógico é resultado de um projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe, no campus de São Cristóvão, entre os anos de 2019 e 2021. Esse produto é parte integrante do relatório final do trabalho de pesquisa intitulado “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte: práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento”, a referida pesquisa teve como principal objetivo, desenvolver práticas de leitura do texto de cordel como instrumento de promoção de letramento literário e reflexões sociais em torno do preconceito e discriminação da mulher negra, objetivo visivelmente alcançável pela riqueza literária e pelo poder denunciativo presentes no folheto da poeta sergipana, Izabel Nascimento.

Para seu desenvolvimento, este produto tomou como base metodológica uma sequência didática seguindo modelo proposto por Cosson (2009) e todas as suas etapas foram executadas buscando concatenar o embasamento teórico à prática em sala de aula em prol dos objetivos traçados. As ações desenvolvidas foram conduzidas à luz de alguns pressupostos teóricos que fundamentam o trabalho com leitura a partir da literatura de cordel, Roiphe (2013), (2016); Zilberman (1987); Abreu (1999); Pinheiro (2018) entre outros, e as reflexões sociais a partir das questões étnico

raciais com Ribeiro (2017),(2019); Cuti (2010); Carneiro (2020), Gonzalez, (2011) e outros propostos aqui.

Quanto a sua estrutura, o caderno possui uma parte teórica, na qual são apresentadas fundamentações sobre o trabalho com leitura literária, literatura de cordel na sala de aula e questões étnico raciais de discriminação contra a mulher negra, uma parte prática, na qual são dispostas as atividades de leitura de cordel e oficina de escrita de folheto de cordel. Ao longo das atividades no corpus do caderno estão espalhados alguns lembretes e dicas destacados em retângulos coloridos a fim de enriquecer a prática pedagógica do professor. Em síntese, este caderno pretende contribuir no processo de ensino e aprendizagem com práticas de leitura que possibilitem o desenvolvimento de habilidades dos alunos em seu processo de compreensão, interpretação e construção de sentidos, tornando-os leitores mais competentes, bem como o aperfeiçoamento do senso de criticidade tornando-os conscientes de seus valores e do respeito às diferenças.

Ao passo que apresentamos este caderno como ferramenta didática pela possibilidade de ser replicado, destacamos que ele pode ser adaptado para diferentes modalidades e níveis de ensino, desde que se respeite as particularidades de cada realidade. Em suma, este caderno pretende contribuir no processo de ensino e aprendizagem com práticas de leitura que possibilitem o desenvolvimento progressivo de habilidades dos alunos em seu processo de compreensão e construção de sentidos, tornando-os leitores mais competentes.



Boa leitura!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
1. Introdução	06
1.1 Primeiras conversas - Referencial teórico.....	06
1.2 Cordel na sala de aula: uma peleja discursiva	08
1.3 Discriminação da mulher negra e preconceito racial, uma discussão necessária.....	10
2. Estrutura da sequência didática	13
2.1 Destrinchando as ações didáticas	15
2.1- Sequência Didática	15
❖ Motivação: uma conversa motivadora para convencer o leitor.....	15
❖ Introdução: para um bom começo de conversa	18
❖ Leitura: uma estratégia para prender o leitor	22
❖ Interpretação: é dar passagem para o cordel no palco e no papel	29
3. Conversas finais	34
REFERÊNCIAS	35

PRIMEIRAS CONVERSAS

A leitura é um dado cultural e por isso, um importante elemento na formação do indivíduo enquanto cidadão crítico e capaz de melhorar a si mesmo e o meio do qual faz parte. A leitura, por si só, aperfeiçoa a habilidade leitora do indivíduo, lapida seus conhecimentos e modifica seu entendimento diante do mundo. Seus efeitos são facilmente percebidos por aqueles que circundam esse universo, seja pela compreensão dos fatos que mudam de acordo com as variadas circunstâncias, seja por seu poder de posicionar-se criticamente perante os conflitos que lhes são apresentados (de cunho histórico, social, religioso ou moral). Portanto, “[...] ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade” (FREIRE, 1997, p.20)

Considerando essa concepção na vivência escolar, fica bem mais evidente a necessidade de se criar e estimular o hábito da leitura entre os alunos, bem como ensiná-los a extrair do texto o que é essencial. Segundo Zilbermam (1987, p.30) “[...] formar um leitor crítico é uma atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com missão pedagógica”.

A intrínseca função de mediador nesse processo delega ao professor uma responsabilidade ainda maior, a escolha dos textos e obras a serem oferecidos como objeto de pesquisa nessa atividade; para tanto, é indispensável que o professor entenda o aluno como alguém extremamente vulnerável, mas não vazio. Alguém que traz experiências e conhecimentos que devem ser levados em conta no momento da escolha do material a ser trabalhado, pois, naturalmente, um será influência para o outro. “Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo [...]” Zilbermam (1987, p. 30)

Daí a importância de se relacionar os aspectos apresentados no texto às necessidades do aluno. Não podemos perder de vista que leitura tem uma função social e precisa considerada

em nossa prática pedagógica enquanto formadores de leitores. Outro ponto relevante nesse processo de formação de leitores é a diversidade textual, quanto mais variados forem os gêneros textuais, melhor. Tese corroborada por Cosson ao falar que a diversidade textual e de gêneros colaboram para o desenvolvimento e amadurecimento do aluno enquanto leitor.

[...] a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes. (COSSON, 2006, p. 35)

Nessa perspectiva, a literatura se torna indissociável no exercício dessa habilidade, pois ela permite que a leitura vá além da decodificação de palavras. Permite também ao leitor a interpretação e a compreensão do real por meio da ficção e da fantasia e, conseqüentemente, lhe permite desenvolver o senso de percepção, de criticidade e autonomia. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Ela “[...] é antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, pois toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais crítico diante do mundo.” (HELD apud MAIA, 2007, p.51)

O texto literário é imprescindível e sua apreciação requer estímulo e prática; ela precisa acontecer de forma efetiva e frequente, sobretudo no ensino fundamental, porque é nessa fase que toda transformação acontece para o aluno. “A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade.” (COSSON, 2014, p.50) Por meio da literatura é possível conduzir o aluno a uma viagem interna, e dentro desse processo quase de catarse, poder compreender-se em sua realidade, ou seja, o aluno é levado ao encontro da sua identidade, do seu reconhecimento e do seu protagonismo diante do que acontece ao seu redor.

A literatura é, portanto, uma poderosa aliada do professor na medida em que possibilita ao aluno compreender sua realidade a partir da compreensão do literário. E assim, compreender-se para e com os outros. “E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa recriação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem.” (HELD apud MAIA, 2007, p.51)

Cordel na sala de aula: uma peleja discursiva

A literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. O cordel é um gênero discursivo carregado de expressividade e historicidade popular, por isso tem poder transformador. Tendo sua origem na oralidade, o cordel se torna uma arte que não só exige o recurso da oralidade, como também proporciona o desenvolvimento dessa habilidade no indivíduo. No entanto, é importante frisar que não se trata aqui de ensinar o aluno a falar. Na verdade, essa habilidade ele adquire bem antes de chegar à escola ou, em alguns casos, com auxílio de um especialista de outra área do conhecimento. Trata-se, portanto, de proporcionar ao aluno diversas situações comunicativas que exigem dele o uso da língua e, conseqüentemente, o desenvolvimento da oralidade. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* já promoviam essa reflexão ao dizer que:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo. (BRASIL, 1998, p. 67-68)

Com base nesta afirmação, o cordel ganha força enquanto recurso linguístico-pedagógico na (trans)formação do leitor proficiente. Portanto, a presença dessa temática para a leitura literária em sala de aula permite ao professor criar condições para que o aluno desenvolva sua competência discursiva por meio do acesso à literatura de cordel.

O uso dessa literatura na sala de aula permite ao aluno enxergar o mundo além dele mesmo, permite despertar seu senso crítico, bem como sua capacidade de observar e de se expressar diante da sua realidade social, histórica, política e econômica.

É próprio da literatura de cordel nos dizer quem somos e nos mostrar o mundo por uma ótica “que denuncia a condição social e econômica [...] por meio de expressões que revelam essa condição” (ROIPHE 2016, p. 32)

De acordo com Hélder Pinheiro (2012, p. 126) “trabalhar com literatura de cordel pressupõe envolvimento afetivo com a cultura popular. Implica favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo”. Marcushi (2008, p. 154) corrobora, “Os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa

relação sócio histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”.

[...] inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2017, p. 155)

Funções que o cordel exerce com maestria, desse modo, cada gênero tem suas particularidades para cumprir as suas funções comunicativas. As do cordel, portanto, é conversar com diversas realidades, mas levar em conta as particularidades e limitações de cada um. Como bem aborda os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 71), “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura [...] é necessária a junção de vários recursos e, principalmente como será conduzido o trabalho com o gênero textual em sala de aula”. E é dentro desta mesma perspectiva, que o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (SERGIPE, 2011), também salienta a importância de “ler textos de diferentes gêneros, incluindo os literários, tais como o conto, a crônica, a fábula e o poema, como habilidades a serem adquiridas pelos alunos ao curso dos anos finais do Ensino Fundamental”. Dessa forma, considerando que a prática de literatura consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, é preciso refletir como a leitura literária se efetiva na escola.

A partir dessa tese, levar o cordel para sala de aula é proporcionar aos alunos reflexões acerca das peculiaridades deste gênero literário. Marcado, primordialmente, pela oralidade, característica que não pode ser preterida quando o cordel for o objeto de estudo.

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. (LIMA apud PINHEIRO, 2007, p. 39)

Portanto, ao conduzir a prática das aulas de leitura literária é imprescindível que se explore elementos essenciais como ritmo, sonoridade, musicalidade do texto. É uma escrita que procede o canto, por isso mesmo não se limitar a uma leitura silenciosa. Mesmo quando a ação da leitura não for realizada com a emissão de som, o aluno leitor deve ser orientado a produzir

para si mesmo uma leitura auditiva, ou seja, leitura na qual a escuta sonora seja indissociável ao ato de ler.

Ao explorarmos as marcas da oralidade, que são extremamente presentes na literatura de cordel, abrimos espaço para diversos diálogos tanto com a cultura popular quanto com a cultura erudita, formal. Nesse sentido, a leitura do cordel é ampla, reflexiva, cultural, social. Literatura de uma e de muitas vozes; é um porta-voz dos sujeitos marginalizados e das questões sociais, pois permite enriquecer as discussões e ampliar conhecimento a respeito das origens históricas das contradições e das desigualdades sociais. A oralidade da literatura popular é berço das cantigas poemizadas, das músicas e canções. Santos, Galas e Tavares (2005, p. 131-132) já evidenciavam isso ao dizer que “A música do poema negro se encantou com a possibilidade de se reconhecer, contar e cantar para todos nós a história e a memória de um povo e seus diferentes modos de ver e viver a vida.”

Discriminação contra a mulher negra e preconceito racial, uma discussão necessária

Sabemos que todos, independente de gênero ou etnia, são seres humanos iguais em direitos e têm o potencial de contribuir construtivamente para o desenvolvimento e o bem-estar de suas sociedades. Pensando por essa premissa, somos levados a refletir sobre questões que nos inquietam e nos convidam a pensar nossas práticas diante disso. Considerando a igualdade de direitos do indivíduo enquanto raça humana, o que leva às pessoas, no momento de interação social, ignorarem a condição inicial do ser humano e sobreponem a isso valores e sentimentos de superioridade que se pautam na cor da pele e no gênero sexual?

Sabemos que a escola é um espaço de transformação social em que os alunos, supostamente, adquirem conhecimentos, habilidades e valores que os ajudarão a se tornar pessoas melhores e capazes de conviverem justa e democraticamente em sociedade. Como explicar, então, comportamentos excessivamente preconceituosos e excludentes, mesmo em grupos que tiveram e têm acesso ao que chamamos ensino de qualidade ou educação privilegiada? Será que estamos cedendo aos efeitos da opressão velada, que se abstrai da culpabilidade e se camufla responsabilizando a condição da mulher e do negro à meritocracia? Ou será que esta é uma batalha incessante e coletiva da sociedade das quais os resultados se arrastarão lentamente até que se mostrem de fato efetivos? Visto que o fim da escravidão se deu, oficialmente, há mais de trezentos anos e que as mulheres seguem em tempo igual ou maior, em busca de reconhecimento e respeito enquanto cidadã, apostemos na segunda opção.

Vale ressaltar que o tempo para as mudanças no comportamento de uma sociedade está diretamente ligado à quantidade de medidas adotadas e a frequência com essas medidas são desenvolvidas junto aos membros dessa mesma sociedade.

Como a escola é um seguimento social que alcança todas as faixas etárias, ela se torna um dos meios mais efetivos para promover as mudanças que precisamos e queremos. “Compreender a história e se ver dentro dela leva o indivíduo a estabelecer vínculos afetivos capazes de gerar um comprometimento no plano das ideias” (CUTI, 2010, p.91). Em outras palavras, ensinar os valores sociais, culturais e históricos deve começar desde cedo e partir de todas as áreas do conhecimento, e o quanto antes crianças e adolescentes tiverem acesso a esses ensinamentos, mais rápido e efetivo será o combate e, quiçá, o fim do racismo e do sexismo.

O efeito do racismo e do sexismo são tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de cobrir todas as perdas já postas na relação de dominação. O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate da humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas. (CARNEIRO, 2019, p. 216-217)

O racismo é uma doença social crônica que afeta mais da metade da população brasileira e, embora muitas campanhas, Ongs, associações sejam organizadas e colaborem na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, ainda estamos longe da equidade social que queremos. “O racismo tem estruturas fortes que vêm se perpetuando há séculos e geram consequências gravíssimas na nossa sociedade. A desvalorização da memória e das realizações afro-brasileiras são apenas a raiz de um problema que se ramifica.” (ARRAES, 2015, p. 20) A todo instante alguém vive uma situação de preconceito e discriminação racial como se fosse algo natural. O número de campanhas contra o racismo tem crescido, consideravelmente, mas os resultados dessas campanhas ainda estão aquém do esperado em nossa sociedade.

Reconhecer que o problema existe é o primeiro passo para resolvê-lo. Disseminar a ideia de que o racismo é invenção e sustentar essa tese no processo de miscigenação é só uma saída confortável para quem está no outro lado da história. Para esses, o que existe são contradições de classes sociais determinadas pela questão econômica e não pela etnia. No entanto, “[...] a afirmação de que somos todos iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades”, de acordo com Lélia Gonzalez.

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. (GONZALES, 2011, p. 15)

O que se caracteriza como um apagamento de uma identidade racial que vai sendo implantado de maneira sutilmente pensada com o objetivo de “clarear” uma raça. Segundo Gonzales (GONZALES, 2011, p. 15) “...historiadores e sociólogos silenciam sua situação desde a abolição da escravização até os dias de hoje, estabelecendo uma prática que faz invisível a este segmento social.”

À medida que a sociedade brasileira vai realizando ao longo das décadas o seu projeto de branqueamento da população, seja pela apologia da miscigenação, seja pela política de incentivo à imigração europeia, vai-se consolidando os estigmas e o destino social de negras e brancas dentro da lógica racista e sexista. (CARNEIRO, 2020, p.158)

Apostar na educação como arma principal no combate às desigualdades sociais é a estratégia mais arrazoada na luta contra injustiças de qualquer natureza. Pois entendemos que somente a educação possibilita ao homem a capacidade crítica para analisar, questionar e intervir em sua condição enquanto membro de uma sociedade e ser protagonista no combate à discriminação e a desigualdade social.

Leitura do Folheto de Cordel de Izabel Nascimento: uma estratégia para promoção do letramento literário e fomentação de reflexões sobre questões sociais.

A seguir apresenta-se um quadro resumo da Sequência Didática aplicada na elaboração deste Caderno Pedagógico.

ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA		
ETAPAS	PROCEDIMENTOS	TEMPO
Motivação	• Apresentação do projeto de pesquisa e seu cronograma; Contextualização do tema escolhido por meio de textos de variados gêneros; • Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, a partir textos verbais e não verbais: músicas, manchete de jornais e propagandas;	01 aula
	• Promoção de leituras e reflexões sobre preconceito racial e discriminação contra a mulher negra por meio da intertextualidade; • Observação de comportamentos e atitudes que promovem a discriminação racial na escola relacionando-os às situações apresentadas nos textos escolhidos; • Fomentação da curiosidade e do estímulo à pesquisa sobre preconceito racial e discriminação da mulher negra.	01 aula
Introdução	• Apresentação da autora e da obra escolhidos por meio de cartaz, banner ou <i>data show</i>; • Exposição do folheto de cordel selecionado para apreciação dos alunos; • Exploração do significado da capa para o folheto de cordel;	01 aula
	• Identificação da técnica utilizada na ilustração da capa do cordel; • Levantamento de hipóteses e situações para futuras discussões e análises; • Explanação das informações a respeito da escritora e sua relação com o cordel.	01 aula

Leitura	• Oportunização da leitura coletiva e individual do folheto de cordel; • Orientação sobre a leitura em voz alta fazendo referência à entonação, ritmo, musicalidade e expressividade; • Identificação das informações explícitas do cordel (estrofes, versos, rimas, contexto social e cultural);	01 aula
	• Exibição de vídeo para ampliação do conhecimento sobre a Literatura de Cordel; • Exploração dos elementos estruturais semânticos e sonoros do texto de cordel; • Escuta da música “Minha Rapunzel tem dread” e acompanhamento da letra escrita; • Inferência intertextual ente o cordel de Izabel Nascimento e o Rap da Mc Soffia;	01 aula
	• Discussão e socialização das primeiras impressões; • Exploração da oralidade dos alunos por meio da dinâmica <i>Resgatando Valores</i>, para levar o aluno à formulação e apresentação de opinião; • Ampliação do conhecimento sobre discriminação racial por meio da intertextualidade;	01 aula
	• Produção de debate, em grupo, a partir das situações de discriminação da mulher negra levantadas no folheto de cordel escolhido; • Exibição do vídeo “<i>Cabaré da Raça</i>”² a fim de ampliar a compreensão sobre o racismo bem como seu repertório argumentativo sobre discriminação da mulher negra.	01 aula
Interpretação	• Resolução de exercícios e questionários sobre questões raciais e sobre a discriminação sofrida pela mulher negra;	01 aula
	• Produção individual na escrita de um folheto de cordel; • Confecção da capa do folheto usando a técnica da isogravura;	01 aula
	• Dramatização de situações/vivências de discriminação contra a mulher negra e preconceito racial para promoção de reflexões e mudanças de atitude; • Apresentação de um sarau literário de cordéis autorais.	01 aula

²A peça *Cabaré da Raça*, do Bando de Teatro do Olodum já está em cartaz há mais de 20 anos levando de forma bem-humorada, mas extremamente crítica ao descrever situações de discriminação e preconceito do cotidiano social do negro.

DESTRINCHANDO AS AÇÕES DIDÁTICAS

Esta sessão apresenta de forma detalhada as ações didáticas selecionadas e planejadas para a elaboração deste Caderno Pedagógico. As ações didáticas desenvolvidas nesta Sequência Didática têm como objetivo principal aguçar a habilidade linguística e discursivas de seus alunos, sua capacidade de compreensão e de fazer inferência crítico e cognitivo do texto, além disso, visam colaborar com o fazer pedagógico do professor em sala de aula, pois são atividades que estimulam a prática da leitura, refinam o senso de criticidade dos alunos.

Primeira etapa: Motivação - Uma conversa motivadora para convencer o leitor.

Duração: 02 horas/aulas

Objetivos:

- Sensibilizar os alunos para a necessidade da realização de discussões sociais por meio da leitura do folheto de Cordel de Izabel Nascimento;
- Levar os alunos a expandir seus conhecimentos sobre o preconceito racial analisando outros textos de gêneros variados.

Recursos necessários: Envelopes coloridos, materiais impressos, aparelho de som.



Professor, este momento inicial é muito importante para o desenvolvimento das atividades futuras. Ele precisa acontecer de jeito leve e agradável. Converse com seu aluno e convide-o a trilhar por cada estrofe do cordel, a destrinchar seus elementos e se encantar com essa arte. Convide-o também para conhecer e refletir sobre os muitos problemas sociais que o Cordel denuncia e sobre como é possível combatê-lo.

Orientações metodológicas:

- Conversar com os alunos sobre o trabalho de intervenção a ser desenvolvido em sala de aula a partir da leitura do folheto de cordel “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, de Izabel Nascimento e passar as primeiras orientações sobre seu desenvolvimento;
- Orientar os alunos a se organizarem em seis grupos e apresentar-lhes um leque de envelopes coloridos, cada grupo escolhe um deles. Nestes envelopes contém textos pertencentes a gêneros discursivos diferentes (propagandas, poema, música, anedotas, recortes de jornal e o texto da Lei 10.639/03), mas com a mesma abordagem temática. O intuito é despertar a curiosidade dos alunos para a temática abordada e instigar a leitura desses e de outros textos que sejam relacionados ao tema;
- Orientar para que os alunos compartilhem a leitura e suas impressões iniciais com os demais grupos e instigar uma discussão sobre a temática dos textos, além de observar as reações dos alunos ao discutirem o assunto com os colegas;

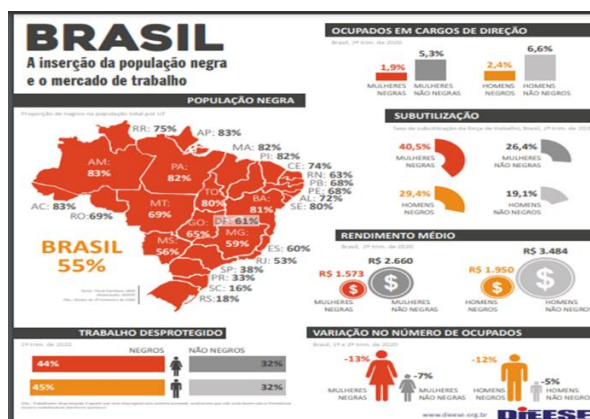
Exemplos de textos utilizados na construção dos sentidos na atividade inicial:



Coisa de Preto

*O que é coisa de preto?
É ficar limpando o chão?
Não ser líder de partido?
Nem chefe de redação?
Se você só pensa assim
Reveja sua opinião.*

Daniela Bento



5) Observe a estrofe do cordel “Coisa de Preto”, de Daniela Bento.

O que é coisa de preto?
É ficar limpando o chão?
Não ser líder de partido?
Nem chefe de redação?
Se você só pensa assim
Reveja a opinião.

- a) Em sua opinião, por que esses versos estão em formato de perguntas?
- b) Como você responderia a esses questionamentos?
- 6) Você conhece algum outro cordel? Como foi seu contato com esse tipo de texto?
- 7) Qual a última notícia sobre preconceito racial ou sobre discriminação de gênero que você assistiu na tv? Esses acontecimentos lhe causa estranheza? Justifique.

Segunda etapa: Introdução – Para bom começo de conversa.

Duração: 02 horas/aulas

Objetivos:

- Apresentar a obra e a autora e mostrar para os alunos a importância, tanto de uma como da outra, para a nossa proposta de trabalho;
- Apresentar a obra física para apreciação dos alunos e um breve resumo sobre a poetisa e seu folheto de cordel;
- Identificar a função social do gênero Cordel e apresentar sua importância enquanto elemento da cultura nordestina sua forma de materialização

Recursos necessários: Cartaz, banner ou multimídia para projeção das imagens e material selecionados.

Orientações metodológicas:

Para manter desperto o interesse dos alunos pela temática - Discriminação de mulher negra e preconceito racial – o professor deve apresentar a autora e a obra física que subsidiarão as atividades dessa sequência didática.

- Exibir para os alunos a imagem da poetisa e do seu folheto de cordel por meio de cartaz, banner ou projetor;

- Apresentar um resumo sobre a obra e a autora aos alunos, isso ajudará nessa fase de apresentação, mas precisa ter cautela para não estragar o momento do aluno antecipando a leitura;
- Justificar a escolha desta obra e deste gênero e mostrar sua relevância para a proposta do deste trabalho;
- Promover a apreciação da obra física e, nesse momento, chamar a atenção do aluno para a leitura da capa, orelha e outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. O que se pretende, com isso, é fazer com que os alunos percebam se há ou não alguma relação entre as duas partes, além observarem as características e informações preliminares do cordel escolhido.

Um dedinho de prosa sobre a poetisa



Izabel Cristina Santana do Nascimento é sergipana de Aracaju, a pedagoga, poetisa, cordelista e fundadora da Academia Sergipana de Cordel. Filha do casal de poetas populares pernambucanos, Pedro Amaro do Nascimento e Ana Santana do Nascimento, radicados em Aracaju. Izabel Nascimento nasceu no dia 22 de agosto de 1979 e provou que herdou a veia poética dos pais, com apenas 7 anos começou a escrever seus primeiros versos e com 13 anos o

“Ser mulher no cordel é resistência. É ser resistência dentro da resistência poética. É honrar essa ancestralidade.”

Autora fala sobre a Literatura de Cordel na escola:

“A escola tem um papel fundamental no que diz respeito à promoção da cultura. É preciso destacar a importância de ter a literatura de cordel na prática pedagógica e na formação de pessoas no ambiente escolar. Com isso, os professores passam para os alunos a valorização da nossa poesia, dos nossos poetas e da literatura de cordel como patrimônio da literatura

brasileira. O cordel é uma rede abrangente onde estão contidas não somente as pessoas que escrevem e publicam, mas também por quem escreve, quem lê, edita, revisa, vende, pesquisa. Ampliar este olhar é necessário para aprofundar as discussões e erradicar a mentalidade rasa com as quais ainda nos deparamos.”

Sobre a Academia Sergipana de Cordel

Academia Sergipana de Cordel fundada em 17 de julho de 2017 tem como patrono João Firmino Cabral, uma das grandes referências do cordel em Sergipe e no Brasil. “Um dos compromissos da Academia Sergipana de Cordel é eternizar a memória de João Firmino e dos cordelistas que ajudam a escrever a nossa cultura” (Nascimento, 2019)

A Academia Sergipana de Cordel é uma entidade responsável por preservar esse movimento literário em Sergipe, organizar seus escritores e projetar nossa cultura para outros estados e regiões do país. Sua idealizadora e fundadora, Izabel Nascimento, esteve à frente da presidência da Academia Sergipana de Cordel desde a sua fundação até 30 de janeiro de 2021. A Academia Sergipana de Cordel conta com 37 cadeiras, das quais 11 são ocupadas por mulheres. Embora seja a Academia ligada à Literatura de Cordel com o maior número de mulheres em sua composição, este é um número ainda pequeno para a quantidade de mulheres cordelista que temos em nosso Estado, prova de que há um caminho longo a ser trilhado na busca da igualdade de gênero também no universo cordelístico.

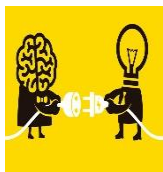
Sobre o folheto de cordel



A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte - Izabel Nascimento (2015)

Cordel escrito para homenagear as Mulheres Negras num evento alusivo ao Dia da Consciência Negra.

Na literatura de cordel existe uma relação muito significativa entre a capa do folheto e o próprio enredo. Todos os detalhes do livreto são elementos linguísticos que fazem parte da leitura e, portanto, fazem parte do todo e essenciais na compreensão da história.



CONECTANDO AS IDEIAS

O cartaz ou banner utilizado para a apresentação do folheto de cordel e da escritora deve ser fixado ao mural da sala logo após sua exibição. Uma estratégia para manter os alunos em contato com elementos do trabalho em outros momentos e não só durante as aulas de Português.

Após a apreciação do cartaz e da exposição do livreto físico, algumas perguntas sobre a obra e a autora para ampliar os conhecimentos.

Ampliando Saberes

1. Observe as imagens e responda: o que as duas fotos têm em comum? E o que as diferenças entre elas representa?
2. Uma das imagens apresentadas é de uma foto do livro que vamos ler, você conhece a pessoa que aparece na capa? Levante hipóteses sobre a identidade desta pessoa.
3. Você conhece outras mulheres relacionadas à luta das Mulheres Negras?
4. E sobre a escritora, o que mais você sabe a respeito dela?
5. Você percebeu alguma ligação com as atividades da aula anterior? Explique.

Pretende-se com essas indagações recobrar as discussões iniciais com a intuito de promover aos alunos reconhecimento do gênero discursivo cordel como elemento de aquisição de conhecimento cultural e social, levantamento de algumas hipóteses e curiosidades sobre o tema e gênero, assim como estabelecer uma relação de intertextualidade e favorecer condições que agucem sua habilidade de compreensão e inferência textual independente do gênero a partir da leitura.



Professor, para manter os alunos participativos e envolvidos na execução das práticas de leitura, é interessante entregar para eles cópias do folheto de cordel para que façam a leitura em casa e se familiarizem com os elementos do texto, afinal, para que a leitura cumpra seu papel social é necessário que ela seja posta em prática.



NÃO ESQUECER

Para estimular a leitura, escrita e a expressividade dos alunos também fora da escola, recomende a eles que observem alguma situação do seu cotidiano que esteja relacionada à narrativa do cordel e, a partir dela, elaborem peças teatrais com tema “Vista minha cor” para apresentação na culminância do projeto.

Terceira etapa: Leitura, estratégia para prender o leitor

Tempo previsto: 04 horas/aulas

Objetivo:

- Fazer a leitura na íntegra do folheto de cordel de Izabel Nascimento;
- Explorar as dimensões físicas e subjetivas do texto de forma que os alunos se apropriem de novos conhecimentos e estabeleçam uma postura mais crítica e dialógica com cada texto que tiver a oportunidade de ler;
- Estabelecer relação entre o gênero alvo da leitura com textos de outras modalidades;
- Aprofundar a compreensão do aluno e alinhar reflexões quanto às questões de discriminação racial e contra a mulher negra.

Recursos necessários: Texto impresso, caixa de som, *datashow*, cartolina, envelopes e pincéis.

Orientações metodológicas:

A essa altura, os alunos já conhecem o conteúdo do texto, mas é necessário a realização de uma leitura efetiva e conjunta entre os alunos e o professor. A intenção é ajustar algumas questões próprias da literatura de cordel, tais como a pronúncia, ritmo e a entonação das palavras. É preciso dar voz ao folheto de Cordel em sala de aula pois, “Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral” (LIMA apud PINHEIRO, 2007, p. 39).

- Fazer a leitura coletiva do folheto de cordel “A Mulher negra no contexto da Educação, Cultura e Arte” e estabelecer a relação da literatura de cordel e a oralidade;
- Acompanhar a leitura do cordel em voz alta a fim de proporcionar o aprendizado da forma composicional do cordel, seja no estrutural ou fônico;
- Possibilitar ao aluno relacionar a vivência poética à realidade social e estimular discussões reflexões sobre as questões raciais denunciadas por meio do texto trabalhado;
- Fazer a leitura da letra da música “Minha Rapunzel tem dread” – Mc Soffia buscando interligação entre os dois textos;
- Enriquecer as reflexões e questionamentos sociais relacionando a mensagem contida no Cordel de Izabel Nascimento e no Rap da Mc Soffia;

Após a leitura integral do texto, os alunos escolhem uma estrofe e tece comentários sobre ela e associem essas informações às observadas em outros textos utilizados ao longo do desenvolvimento desta Sequência Didática. É interessante que os comentários apresentados sejam complementados por ideias de outro colega da turma. A pretensão é que os alunos percebam a relação intertextual, diferenças e semelhanças entre os gêneros discursivos selecionados para este trabalho pedagógico.



NÃO ESQUECER

É interessante que os alunos ouçam a música enquanto fazem a leitura do texto, isso torna a atividade mais agradável e possibilita a comparação em relação às rimas e musicalidade entre os textos. Abra uma roda de discussões os padrões de beleza impostos pela sociedade e o mito que se cria em torno disso. Discutir como esses padrões afetam mulheres e homens negros em todas as instâncias sociais. Você pode acompanhar a música no seguinte link < https://youtu.be/b1Uf6_SV5_8>

Atividade elaborada para estimular escrita e a construção da compreensão e do sentido do texto. Após responderem oralmente a essas perguntas os alunos registram em seus cadernos um parágrafo sobre as informações apreendidas nesta atividade.

Construindo os Sentidos

1. As situações apresentadas no texto sobre a mulher negra se aplicam às mulheres negras que você conhece? Justifique.
2. E sobre o gênero do texto, você acha que é interessante tratar de questões como essas em um cordel? Explique.
3. Por que estamos discutindo sobre esse assunto? É mesmo necessário? Comente.
4. Comente a seguinte estrofe do Cordel de Izabel Nascimento:

“Os dados são alarmantes
Mas ninguém parece vê-los
Os traços do preconceito
Verdadeiros pesadelos
Desde os comportamentos
Até a cor dos cabelos.”
5. Você já conhecia essa música? E a cantora?
6. A música de Mc Soffia apresenta intertextualidade desde o início, ainda no título. Com que outro texto o Rap estabelece essa relação?
7. Que relação existe entre o Rap de Mc Soffia e o Cordel de Izabel Nascimento?
8. Por que o dread foi usado para caracterizar a Rapunzel na música de Mc Soffia?
9. Qual a importância do seguinte verso: “Crie uma princesa que pareça com você”. Como seria a sua princesa?
10. Na música, as marcas de empoderamento feminino são bem visíveis. Apresente alguns exemplos.

É pertinente ao professor conduzir os alunos a extrair o máximo de informações da leitura, como nos assegura Roiphe “[...] o papel do professor pode ser o de garantir em suas aulas espaço para a análise e a interpretação, como elementos fundamentais para o enriquecimento da leitura e para o conhecimento e reconhecimento das obras literárias inseridas em um determinado contexto social, histórico, religioso, político, filosófico..., integrando teoria e prática”. (ROIPHE apud SILVA) Alinhada a essa referência, damos continuidade às práticas de leitura explorando a oralidade dos alunos por meio de uma atividade lúdica – Resgatando

Valores – que visa tanto a prática da reflexão crítica social como a expressividade oral e corporal dos alunos.

RESGATANDO VALORES



O QUE É?

Uma dinâmica de grupo que tem como objetivo trabalhar aos valores humanos e sociais dos alunos estimulando o sentimento de solidariedade, empatia e respeito para com o outro.



COMO FUNCIONA?

O professor entregará um envelope com um cartãozinho a cada aluno e pedirá para cada um deles pensar numa palavra relacionada à temática do texto e grafar no cartão recebido sem que o colega perceba qual palavra foi escrita. Os cartões escritos voltam para os envelopes e são devolvidos ao professor que os colocará em uma caixa ou sacola. De forma aleatória, o professor redistribuirá os envelopes se certificando de que todos receberam um envelope diferente daquele que preencheu.



QUAIS AS REGRAS?

Todos envolvidos, sob comando do professor, deverão abrir seus envelopes, ler em voz alta palavra recebida e associá-la a alguma ação, atitude ou comportamento social e discorrer sobre os efeitos da sua aplicação nas relações sociais, além de apresentar sugestões de ações que promovam uma ação afirmativa para o resgate da autoestima, da autoafirmação e da valorização do negro e da mulher negra. É possível que haja palavras repetidas, mas estas também devem ser consideradas e durante as explanações. A ideia é que todos apresentem sua opinião e compreensão a respeito do que foi visto durante as leituras. Após explanação de todos os alunos, a turma fará uma avaliação coletiva da atividade desenvolvida e elegerão, dos valores apresentados na dinâmica, os mais importantes para uma convivência social saudável e confeccionarão cartazes que serão afixados nos corredores da escola.

Ainda no processo da leitura, a atenção se volta para as especificidades do cordel no desenvolver das seguintes ações:

- Explorar junto com os alunos os elementos estruturais do cordel, tais como as estrofes, quantidades de versos, tipo de rimas, a versificação e o importante processo na escolha das palavras na escrita do texto;
- Observar que a leitura do cordel começa desde a capa, e que é nesta parte do folheto que o cordel começa a ser escrito;
- Chamar a atenção dos alunos para o fato da autora se inspirar num problema social do nosso cotidiano para pautar esse cordel;
- Fazer os alunos perceberem que, embora o cordel seja disposto em versos e estrofes, ele apresenta uma sequência narrativa e traz, em suas estrofes, os elementos que orientam o leitor sobre o objeto temático do cordel;
- Levar os alunos a reconhecer o cordel como instrumento de posicionamento social e expressão de subjetividades;
- Realizar questionamentos orais e escritos para a exploração das informações contidas no folheto de cordel;

Questões para orientar na compreensão da leitura texto verbal e não verbal, além de estimular o entendimento de literatura de cordel como instrumento de leitura, de reflexão e mudanças sociais.

Exploração do Folheto de Cordel

1. Quais elementos aparecem na capa?
2. O que levou a escritora escolher essa imagem?
3. Quem foi Luiza Mahin?
4. Já tinham ouvido falar sobre ela?
5. Existe alguma relação entre a figura escolhida e o cordel lido?
6. Em que circunstância histórica esse cordel foi escrito?
7. Sobre a capa do folheto, que técnica foi usada, xilogravura, desenho ou fotografia? Sabe a diferença entre elas?

Luiza Mahin - vale a pena conhecer sua história

Africana guerreira, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Além de sua herança de luta, deixou-nos seu filho, Luiz Gama, poeta e abolicionista. Pertencia à etnia jeje, sendo transportada para o Brasil, como escrava. Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e tendo nascido livre por volta de 1812. [...] Luiza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde. Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida na Capital baiana em 1835. Luiza conseguiu escapar da violenta repressão desencadeada pelo Governo da Província e partiu para o Rio de Janeiro, onde também parece ter participado de outras rebeliões negras, sendo por isso presa e, possivelmente, deportada para a África. (GELEDÉS, 2009)

Após esmiuçar sobre as características do cordel, explorando seus elementos estruturais e subjetivos e, após várias discussões, debates e leituras acerca da temática abordada, é hora da exibição de vídeos para arremate da exploração das informações sobre a arte literária e sobre as constantes situações de discriminação contra a mulher negra e o preconceito racial.

O primeiro vídeo é um trecho de uma peça teatral “Cabaré da raça”, do Bando de Teatro Olodum <https://www.youtube.com/watch?v=Bovwy_421lM>. A peça faz uma abordagem crítica sobre o preconceito racial e o segundo vídeo é uma matéria sobre a história da Literatura de Cordel veiculada no Globo Rural <<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>>

A peça Cabaré da Raça já está em cartaz há mais de 20 anos levando de forma bem-humorada, mas extremamente crítica, situações do cotidiano negro. Exemplo de luta e resistência do povo negro contra a discriminação e o preconceito racial por meio da arte teatral. Ao descrever situações do cotidiano social, os atores levam o público (sobretudo os negros) a se questionarem sobre a sua situação e a pacificação diante do preconceito, pois antes de resolver a questão do preconceito é preciso que se resolva a questão da identidade negra. Num mix de autoafirmação, negação da raça, afro-conveniência, racismo estrutural, sexualização, entre outros aspectos, são abordados na peça e nos chama para uma reflexão que vai além da cor da pele somente

Reflexão sobre a mensagem do “Cabaré da Raça”

1. A peça tem sua abertura com uma pergunta simples, mas bastante profunda: “O que é ser negro?” Para você o que é ser negro? Você se sente negro? Explique.

2. Qual a responsabilidade da mídia quanto a propagação do racismo e/ou da representatividade negra, seus padrões de beleza e cultura?

3. Observe os seguintes trechos extraídos da peça “Cabaré da Raça”.

“Eu tenho duas vizinhas, Thothô e Yayá. E as bichas são pretas, mas pretas e querem ser chamadas de cabo verde. Não! Aí eu digo: que cabo verde, minha senhora, vocês são é cabo preto”.

“Mas eu estou o tempo todo questionando, por que morena?

— Ah, mas é uma questão de costume.

Bem, já que é uma questão de costume então se acostume a me chamar de negra, porque essa é minha raça.”

“Essa questão de etnia, se é preto, branco ou amarelo para mim não tem a menor importância. Na minha casa todo mundo é branco, eu sou morena e tenho a certeza que eu tenho algum antepassado negro, porque eu gosto dos negros, eu tenho swing dos negros e eu consultei uma vidente que confirmou isso: que eu tenho negro na minha família, longe, mas tem.”

a) Por que razão o negro se auto intitula moreno e tem dificuldade de se declarar como negro de fato?

b) Como você interpreta o comportamento das personagens de acordo com os excertos apresentados?

4. Por diversas vezes é possível observar pessoas brancas que se autodeclararam negras por conta dos seus antecedentes familiares e por respeitar e/ou simpatizar com a raça negra, em muitos casos, apenas para usufruir de algum benefício social, a exemplo das cotas.

a) Essa postura pode ser considerada uma forma de afro-conveniência (declarar-se negro somente quando isso pode lhe trazer alguma vantagem social)? Comente.

b) Essa postura pode ser considerada uma atitude racista? Explique.

Aprofundando saberes sobre a Literatura de Cordel

1. Como você identifica um cordel?
2. Qual a importância do cordel para o povo nordestino?
3. Que fato novo você descobriu nesse vídeo?
4. Quais assuntos podem ser temas de um cordel?
5. Existe diferença entre um cordel e um folheto?
6. De acordo com o que foi mostrado na reportagem, existe alguma diferença entre o cordelista e repentista?
7. O que é xilogravura? O que achou dessa técnica?
8. Você conhece algum cordelista?

Etapa 4 – Interpretação: é dar passagem para o cordel no palco e no papel

Tempo previsto: 03 horas/aulas

Objetivo:

- Proporcionar ao aluno capacidade de compreensão e inferência do texto escolhido como material de pesquisa nesta sequência didática;
- Refletir sobre as escolhas, os significados e o uso das palavras expressas no folheto de cordel;
- Refletir sobre o contexto histórico e contemporâneo da trajetória da mulher negra que motivou a construção da obra literária;
- Promover o processo de escrita do texto literário a partir das experiências vividas e observadas no cotidiano do aluno negro e não negro;
- Explorar a expressividade do aluno tanto físico como oralmente, por meio de dramatizações e recitais de textos literários.

Recursos necessários: Material impresso, cartolina, papel A4, pincéis.

Orientações metodológicas:

Esse é o momento de se fazer um apanhado de tudo que foi visto no desenvolvimento desse trabalho. O primeiro instante dessa etapa é destinado à questão mais intimista, reflexiva e pessoal do aluno com o cordel trabalhado e para isso, o professor realizará uma atividade para que os alunos possam registrar suas considerações sobre o cordel de Izabel Nascimento.

Questões para as considerações sobre a discriminação da mulher negra

1. O cordel apresenta várias situações de discriminação sofrida pela mulher negra. Identifique e comente sobre uma delas.
2. Você consegue se “enxergar” em alguma das situações apresentadas no cordel? Comente.
3. Segundo o folheto, existem dois tipos de Mulher Negra no Brasil. Explique.
4. O cordel fala sobre as modernas formas de opressão. Que formas são essa? Você se sente ou já se sentiu oprimido?
5. Como as mulheres negras que você conhece são tratadas?
6. Observe a seguinte estrofe e discorra sobre ela.

Depois de mais de cem anos
De abolida a escravatura
A condição da Mulher
No Brasil se configura
Quando a marca do racismo
Visivelmente perdura.

(Izabel Nascimento)
7. O que o machismo e o racismo têm em comum?
8. Retire do texto palavras que estejam relacionadas às apresentadas no quadro abaixo.

a) Mulher	c) Raízes
b) Racismo	d) Sociedade
9. Como esse cordel está composto? Quantas estrofes?
10. Transcreva a estrofe que você mais gostou e comente sua preferência.

Espera-se que ao final dessa atividade os alunos tenham absorvido as informações acerca das circunstâncias por quais as mulheres negras sofrem discriminação. Inferir sobre como cada um de nós é responsável pelo que acontece na sociedade e como não contribuir para que comportamentos preconceituosos sejam propagados.

A atividade seguinte faz parte do processo de escrita de um folheto de cordel criado coletivamente pelos alunos abordando questões de cunho social ligadas ao preconceito racial e à discriminação da mulher negra.

O professor deve orientar os alunos a retomarem seus grupos, em seguida passa as instruções para criação do folheto e, mais uma vez, faz uma revisão sobre a estrutura física e subjetiva do cordel.

Orientações metodológicas para o processo de escrita do cordel

- Discutir em grupos sobre a temática e sobre como escrever em versos e rimas as ideias coletadas;
- Conversar sobre o processo de escrita do cordel, os assuntos abordados, a variedade linguística e a estrutura;
- Planejar a escolha da estratégia de escrita, a estrutura do folheto, tipo e quantidade de estrofes, capa e seus elementos;
- Acompanhar o processo de escrita para possíveis ajustes das rimas, versificação ou ortografia;
- Levar os alunos a transformar suas ideias em textos e seus textos em cordéis;
- Revisar e orientar a reescrita dos textos os cordéis produzidos pelos alunos;



NÃO ESQUECER

Uma estratégia para agilizar confecção da capa do folheto e como tarefa para casa, o professor recomenda aos alunos que assistam um vídeo instrutivo sobre a isogravura – uma adaptação simplificada da xilogravura – e que será usada para a impressão da capa dos folhetos elaborados em sala de aula. <<https://www.youtube.com/watch?v=MyedINjXvw4>>

Material necessário para confecção do folheto:

- Papel A4 branco (parte que receberá a escrita do cordel);
- Papel A4 colorido (capa que receberá a impressão);
- Tesoura sem ponta;

- Grampeador;
- Isopor ou emborrachado;
- Pincel ou rolo para pintura(pequeno);
- Tinta guache preta ou tinta para carimbo.

Confecção dos folhetos: O professor orientará os alunos a fazerem dobraduras no papel sulfite branco até chegar ao formato padrão dos folhetos de cordel. Cada um adequa a quantidade de páginas à quantidade de estrofes produzidas por cada grupo. Apesar da escrita do cordel ser coletiva, a confecção do folheto será individual. Assim, cada aluno poderá expor seu próprio folheto. Próximo passo é a transcrição do texto do cordel para o folheto confeccionado. Esse momento requer atenção para não comprometer a estrutura visual do cordel.

Confecção da capa: Para confecção da capa será utilizado o sulfite colorido, cada aluno escolhe a cor que preferir. O professor deve chamar a atenção dos alunos para as informações obrigatórias na capa do cordel e orientar que a imagem escolhida deve estar relacionada ao texto produzido. Feito isso, os alunos grampeiam a capa confeccionam às folhas dobradas.

Impressão da capa: A impressão da capa o professor ensinará uma xilogravura (isogravura). Para essa técnica, cada aluno recorta um pedaço de papel e um pedaço de isopor no mesmo tamanho do folheto. Em seguida, vai fazer na folha recortada um desenho que tenha a ver com o cordel escrito. Esse desenho será decalcado no isopor e com um lápis fará o contorno desse desenho, de modo que fique bem marcado.

Feita marcação do desenho no isopor, o aluno pintará toda plaquinha, mas com cuidado para a tinta não escorrer nos sulcos. Depois, com cuidado, carimba a capa do folheto e espera secar. Após esse processo de impressão e secagem, é só grampear a capa ao livreto que já deverá estar com a escrita concluída.

As atividades desenvolvidas apostam na capacidade de criação textual dos alunos a partir de determinada situação social e na adequação da escrita do texto ao gênero proposto; outro enfoque está na exploração da expressividade oral e corporal dos alunos durante a execução das citadas atividades bem como em outras circunstâncias que exijam deles essas habilidades. Aposto ainda e, principalmente, na capacidade de identificar situações de discriminação racial e/ou de preconceito contra a mulher negra e de combatê-las com seus comportamentos,

pensamentos e atitudes. Aposta na transformação do indivíduo em cidadão capaz de conviver, aceitar e respeitar as diferenças culturais, sociais e raciais. sejam capazes de interferir, repudiar e combater essas situações com suas próprias ações.



Para compor esse momento, professor e alunos decoram a sala de aula com ornamentos apropriados para criarem um ambiente propício à recitação e exposição dos cordéis. Montagem de palco, painel com esteira ou tecido estampado, varais de cordões na horizontal com folhetos de cordel pendurados, vasilhas de barro, rádios antigos são sugestões de elementos decorativos para esse tipo

Para manter acessas as reflexões em torno das questões raciais, além de expor os cartazes que fazem parte do desenvolvimento dessa sequência didática, outros com imagens de mulheres negras de luta para que sirvam de inspiração e exemplo de resistência, autoafirmação e beleza. Mensagens de repúdio ao racismo, de esperança, empatia e sororidade também podem ser espalhadas pelos ambientes escolares.

Para a culminância da execução dessa sequência didática estão reservadas as apresentações das dramatizações e do sarau de cordéis autorais. Os alunos apresentam suas dramatizações e, em seguida dão início ao sarau com as declamações dos seus cordéis prezando pela entonação e ritmo dos seus versos. A proposta é que os alunos envolvidos num ambiente literário e denunciativo, vivenciem a importância do texto literário no aperfeiçoamento da sua capacidade de leitura, compreensão e posicionamento crítico frente ao preconceito racial.



Conversas finais

Todas as proposições apresentadas neste projeto e na sequência didática no âmbito do ensino de literatura coadunam para o uso de folheto de cordel como importante agente na formação do leitor crítico e proficiente, capaz de discernir, questionar e argumentar a respeito de questões sociais, como o racismo e sexismo, por exemplo, ainda tão presentes em nossa sociedade. Esta sugestão de intervenção pedagógica mostra-se promissora e, embora a pandemia do COVID-19 tenha impossibilitado sua aplicação prática em sala de aula, os resultados para os quais foram pensadas e planejadas toda metodologia e estratégia justificam o uso desta sequência didática por outros professores de Língua Portuguesa. Seu modelo flexível permite ser trabalhada em qualquer série e modalidade da educação básica, desde que se faça as adaptações necessárias. Ao levarmos a Literatura de Cordel para a sala de aula, abrimos um leque ainda maior de possibilidades para nossos alunos. As práticas de leituras, nas quais a voz, mente e corpo de cada aluno convergem para um mesmo movimento enquanto realizam essas atividades merecem atenção especial. Percebe-se nessas reações que o processo de formação do leitor realmente está em andamento.

A leitura efetiva da literatura de cordel nos proporciona tanto a leitura de fruição como a leitura crítica e, a partir dessas vivências reflexivas, chegamos a conclusão de que o local do cordel é em sala de aula oportunizando experiências pessoais e subjetivas a partir do respeito à tradição da oralidade e à sua estética peculiar. Quanto aos elementos subjetivos e estruturais do folheto de cordel e ao enfrentamento de problemas oriundos das questões sociais denunciadas no folheto de cordel, como a discriminação da mulher negra, os alunos são estrategicamente chamados à situações que exigem deles uma tomada de decisão consciente pois, conhecer a sua história e a do outro os fazem compreender e respeitar as particularidades de cada um.

Essa sequência não sugere uma avaliação tradicional, quantitativa. Como mensurar comportamento e maturidade humana? O que sugere é que o processo avaliativo se dê ao longo de toda execução das tarefas desde a formação de grupos até o recital de um cordel autoral. Muitas habilidades para serem observadas e valorizadas. Dimensionar o aprendizado dos alunos a partir de reflexões sobre problemas sociais e sobre a necessidade de mudança de postura diante desses problemas não é algo tão palpável nem tão simples, mas por meio de estratégias alinhadas ao método de uma avaliação qualitativa é possível criar novas expectativas para os alunos e proporcionar-lhes um novo olhar e uma nova perspectiva enquanto leitor proficiente e crítico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ARRAES, Jarid. **Por uma educação que reconheça as lideranças negras**. Instituto Paulo Freire. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/280-por-uma-educa%C3%A7%C3%A3o-que-reconhe%C3%A7a-as-lideran%C3%A7as-negras>>. Acessado em: 30 de maio de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília – DF, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomu.mec.gov.br>>. Acessado em 30 de maio de 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANAL. #Art. **Xilogravura com isopor (isogravura)**, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MyedINjXvw4>>. Acessado em 25 de junho de 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____ **vários escritos**. 4. ed. São Paulo | Rio de Janeiro: Duas cidades | Ouro sobre Azul, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** – São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Portal Literafro. Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira> > Acessado em 05 de fevereiro de 2021

EDUCASENSO. **Censo Escolar 2017**. Disponível em <<https://qedu.org.br/cidade/5497-carmopolis/aprendizado>> Acessado em 05 de junho de 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GELEDÉS, portal. **Luiza Mahin**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/luiza-mahin/>> Acessado em 25 de junho de 2020

GONZALES, Leila. **Caderno de formação político Palmarino nº 1 – Por um feminismo afro latino americano**, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História & fotos**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/carmopolis/historico>>. Acessado em: 25 de junho de 2020.

INEP - **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/cidade/5497-carmopolis/ideb?dependence=3&grade=1&edition=2017>>. Acessado em junho de 2020.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**, São Paulo: Luzeiro, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª edição - São Paulo. Cortez, 2011.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex. 2012.

NASCIMENTO, Izabel. **A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte**. Aracaju. Espaço Cultural Casa do Cordel, 2015

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**, 1ª edição – São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

_____. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROIPHE, Alberto. **O forrobodó na linguagem do sertão: leitura verbovisual de folhetos de cordel**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

_____. **Fuxico** – o disse me disse na literatura de cordel. Aracaju: Criação, 2016.

ROIPHE, Alberto; MATTAR, Sumaya (org.) **Arte e educação: ressonâncias e repercussões [recurso eletrônico]** - São Paulo: ECA-USP, 2018.

REDE GLOGO DE TELEVISÃO. **Literatura de cordel globo rural**. Globo Repórter, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul.**– São Paulo: Cortez, 2010.

SERGIPE. **Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe.** Aracaju, 2013

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: ed. Global, 2009

ANEXOS

ANEXO 1 – A Mulher Negra No Contexto Da Educação, Cultura E Arte - Cordel De Autoria De Izabel Nascimento

A História é um retrato
Que o tempo providencia
Quando a luz do flash acende
Uma marca evidencia:
Um registro inapagável
Que a humanidade cria.

Mas nas Relações Humanas
Há males constituídos
Conceitos consolidados
Direitos subtraídos
Contracenando opressores
No palco dos oprimidos.

Neste cenário inventado
Onde o preconceito existe
Procura-se uma Mulher
Negra, submissa e triste
Pra provar a humanidade
Que a escravidão persiste.

A Negra Mulher, porém
Que nunca cruzou os braços
Desafia a sociedade
Desatando os tristes laços
Conhecendo a sua história
Respeitando os próprios traços

E a Mulher Negra escreve
Uma importante parte
Na História de quem luta
Ela, há muito, é baluarte.
Sobretudo no contexto
Educação, Cultura e Arte.

Trazida para o Brasil
Tirada pela raiz
E depois da escravidão
Minha consciência diz
Nada é revolucionário
Mais que uma Negra Feliz.

Depois de mais de cem anos
De abolida a escravatura
A condição da Mulher
No Brasil se configura
Quando a marca do racismo
Visivelmente perdura

A mídia por sua vez
Objetifica, macula
A Mulher negra trazendo
Dano que não se calcula
Numa ação vil sorrateira
Segrega, agride, rotula.

O corpo da Mulher Negra
É posto nos ideais
De Mulata à Globeleza
Para fins sexuais
São Negras que a mídia cria
Mulheres quase irreais.

Os dados são alarmantes
Mas ninguém parece vê-los
Os traços do preconceito
Verdadeiros pesadelos
Desde os comportamentos
Até a cor dos cabelos.

Na Educação, doutoras
E casa, violentadas
No trabalho, ganham menos
Mas com jornadas dobradas
Nos hospitais, esquecidas
Nas ruas, são estupradas.

Na Cultura tem destaque
Grandes mentes do intelecto
Na arte se realizam
Transpondo nela o aspecto
Nos seus grandes desafios
Num sistema vil e infecto.

Mulher Negra no Brasil
Parece que existem duas
A que a TV inventa
E a que anda nas ruas
As reais, de amor, vestidas
As imaginárias, nuas.

A Mulher Negra inventada
Tem o corpo definido
Anda com tanta leveza
Como quem quer ver mantido
Os retratos da História
Num álbum já esquecido.

A Mulher Negra real
Tem História e tem raízes
É feita de destemor
Quando riem, são felizes
Seu corpo tem todo peso
De quem leva cicatrizes.

Mulher inventada serve
Aos senhores vis da moda
A Negra real batalha
A passarela é a roda
Por que é que a sua força
Tanto ao sistema incomoda?

Tem marca de resistência
De escravizada à juíza
Em toda Negra Mulher
Na ação que realiza
Sua força é chaga aberta
Que o tempo não cicatriza.

Escreve Negra Mulher
Deixa o nome registrado
Vai traçando teu futuro
Em cada passo que é dado
Pela luta do presente
Com as armas do passado.

Empodera-se de vida
Como quem diz: “Acredito!”
São belos seus negros traços
O teu cabelo é bonito
E o poder da Mulher
Plena em si é infinito.

Escreve correspondência
Aos ilustres ancestrais
Dizendo não foi em vão
As dores, tormentos, ais
Pois quando uma Negra avança
Ninguém retrocede mais.

Anula todas as formas
Das modernas opressões
Atenta pois refizeram
Conceitos de escravidões
Pra crermos em sorrisos
No mundo das ilusões.

És força que irradia
Grandeza, porto seguro
São teus, os teus pensamentos
Teu corpo, e eu te asseguro
Na luta pelo presente
Vem o troféu do futuro.

Gritemos numa só voz:
Já basta de violência!
Que o lugar de Mulher Negra
É no altar da decência
Onde estará garantido
Respeito a própria existência.

Negra na Educação
Nas Artes e na Cultura
E não passarão aqueles
Que as querem na sepultura
Negra Mulher passarinho
Do mundo, quer releitura.

Mulher Negra é atitude
É verso, rima e contexto
Com canetas de batalha
Ela escreve o próprio texto
Quer respeito e consciência
Chega de tanto pretexto!

ANEXO 2 - Cordelistas Integrantes Da Academia Sergipana De Cordel

Relação dos cordelistas membros da ASC, suas respectivas cadeiras e patronos

CADEIRA 01

PATRONO – JAIRTON PINHEIRO DE ANDRADE

ACADÊMICO – **José Marciano dos Santos (Zezé de Boquim)**

CADEIRA 02

PATRONO – JOSÉ DE CARVALHO DÉDA

ACADÊMICO – **Gilmar Ferreira**

CADEIRA 03

PATRONO – LUIZ ANTÔNIO BARRETO

ACADÊMICO – **Pedro Amaro do Nascimento**

CADEIRA 04

PATRONO – CLODOMIR DE SOUZA E SILVA

ACADÊMICO – **Alda Santos Cruz**

CADEIRA 05

PATRONO – JOÃO RODRIGUES

ACADÊMICO – **Ronaldo Dória Dantas**

CADEIRA 06

PATRONO – ROQUE SALVADOR

ACADÊMICO – **José Aparecido Santos Souza**

CADEIRA 07

PATRONO – ALUÍSIO DANTAS DE OLIVA

ACADÊMICO – **Maria Salete da Costa Nascimento**

CADEIRA 08

PATRONO – ABDIAS BATISTA E SILVA

ACADÊMICO – **Everardo de Sena e Silva**

CADEIRA 09

PATRONESSE – JOSEFA MARIA DOS ANJOS

ACADÊMICA – **Ana Santana do Nascimento**

CADEIRA 10

PATRONO – LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

ACADÊMICA – **Izabel Cristina Santana do Nascimento**

CADEIRA 11

PATRONESSE – BENTA CORDEIRO DE ALMEIDA

ACADÊMICO – **Manoel Elielson Cordeiro De Jesus**

CADEIRA 12

PATRONO – ZÉ ARACAJU

ACADÊMICA – **Alaíde Souza Costa**

CADEIRA 13

PATRONESSE – SÁ MARTINHA DO SABÃO

ACADÊMICA – **Daniela Bento Alexandre**

CADEIRA 14

PATRONO – MANOEL BELMIRO

ACADÊMICO – **Anderson Dussantos**

CADEIRA 15

PATRONO – SÁTYRO XAVIER BRANDÃO

ACADÊMICO – **Jorge Henrique Vieira Santos**

CADEIRA 16

PATRONO – MANOEL D'ALMEIDA FILHO

ACADÊMICO – **Antônio Eduardo Fiscina Oliveira Júnior**

CADEIRA 17

PATRONESSE – MARIA DAS NEVES BATISTA PIMENTEL

ACADÊMICA – **Mariana Celestina Felix Bezerra**

CADEIRA 18

PATRONO – RODOLFO COELHO CAVALCANTE

ACADÊMICO – **Massilon Ferreira da Silva**

CADEIRA 19

PATRONESSE – GIZELDA SANTANA MORAIS

ACADÊMICO – **Wagner Gonzaga Lemos**

CADEIRA 20

PATRONO – SÍLVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA RAMOS ROMERO

ACADÊMICO – **Antônio Batista Júnior**

CADEIRA 21

PATRONO – ARIANO VILAR SUASSUNA

ACADÊMICO – **José Matheus de Souza Santos**

CADEIRA 22

PATRONO – LEOPOLDO MOREIRA DE ANDRADE

ACADÊMICO – **Aumir Ribeiro dos Santos**

CADEIRA 23

PATRONO – LUIZ CAETANO SILVA

ACADÊMICO – **Manoel Belarmino dos Santos**

CADEIRA 24

PATRONO – ALCINO ALVES COSTA

ACADÊMICA – **Quitéria Gomes Pereira**

CADEIRA 25

PATRONESSE – CLEMILDA FERREIRA DA SILVA

ACADÊMICO – **Flávio Américo Tonnetti**

CADEIRA 26

PATRONO – MÁRIO CABRAL

ACADÊMICO – **Evergisto Socorro de Souza (Tito Souza)**

CADEIRA 27

PATRONO – LEANDRO GOMES DE BARROS

ACADÊMICO – **Thiago Barbosa Santos**

CADEIRA 28

PATRONO – JOSÉ DA SILVA RIBEIRO FILHO

ACADÊMICO – **Edvaldo Ventura da Silva**

CADEIRA 29

PATRONO – ZACARIAS (SEVERINO) JOSÉ

ACADÊMICA – **Daiene Sacramento de Jesus**

CADEIRA 30

PATRONO – LUIZ GONZAGA DO NASCIMENTO

ACADÊMICO – **Anderson Oliveira dos Santos**

CADEIRA 31

PATRONO – ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA (PATATIVA DO ASSARÉ)

ACADÊMICO – **José Sérvulo Sampaio Nunes**

CADEIRA 32

PATRONO – JOAQUIM JOSÉ BESERRA

ACADÊMICA – **Ana Maria Santos**

CADEIRA 33

PATRONO – PEDRO ARMANDO DOS SANTOS

ACADÊMICO – **Luiz Eduardo Bittencourt da Silva**

CADEIRA 34

PATRONO – VALERIANO FÉLIX DOS SANTOS

ACADÊMICO – **Givaldo Costa Silva**

CADEIRA 35

PATRONO – AUGUSTO LAURINDO (O TROVADOR COTINGUIBA)

ACADÊMICA – **Nilza Francisca do Nascimento**

CADEIRA 36

PATRONO – ENÉIAS TAVARES SANTOS

ACADÊMICO – **Genison Pinto Santos**

CADEIRA 37

PATRONO – JOSÉ PACHECO DA ROCHA

ACADÊMICO – **Agnaldo dos Santos Silva**

ANEXO 3 – Texto De Implementação Da Lei 10.639/03**LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.**

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

ANEXO 4 - RESOLUÇÃO DO CONSELHO GESTOR



1/2

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

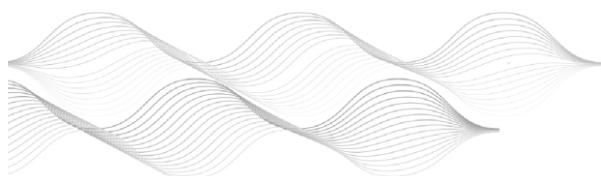
Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:




Mª da Penha Casado Alves
Coordenadora Geral



2/2

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

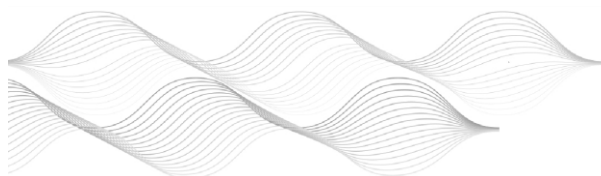
Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR



Mª da Penha Casado Alves
Coordenadora Geral

ANEXO 7 – LETRA DO RAP DA MC SOFFIA

Minha Rapunzel tem dread

Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem dread e é africana
Agora vou contar o meu conto para vocês
Como todas as histórias começa com "era uma vez"

Era uma vez uma princesa rastafari que nasceu no reino de Sabá
Na minha história quem disse que a bruxa é má?
Meninas unidas pode tudo mudar.

Aqui inimiga não vai rolar
Ah, é, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, aí isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer

Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você

Crie uma princesa que pareça com você

Aqui inimiga não vai rolar

Ah, é, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar.